

A MIGRAÇÃO WARAO PARA O BRASIL NA SUA TOTALIDADE: MOBILIDADE MIGRATÓRIA E MODOS DE GESTÃO

PIETRO BUENO¹

UFRGS, BRASIL

<https://orcid.org/0000-0002-4015-1001>

AUGUSTO BRITO VELHO²

UFRGS, BRASIL

<https://orcid.org/0000-0002-3438-2276>

RESENHA

ROSA, Marlise. **A mobilidade Warao no Brasil e os modos de gestão de uma população em trânsito: reflexões a partir das experiências de Manaus-AM e de Belém-PA.** Rio de Janeiro: E-papers, 2021.

¹ Mestrando em Antropologia Social (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil) e integrante do Núcleo de Antropologia das Sociedades Indígenas e Tradicionais (NIT/PPGAS/UFRGS). E-mail: pbueno.longoni@gmail.com

² Graduando em Ciências Sociais (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil) e integrante do Núcleo de Antropologia das Sociedades Indígenas e Tradicionais (NIT/PPGAS/UFRGS). Email: britto.velho@ufrgs.br

Em meio a um contexto marcado pela sua multiplicidade e conturbação, o trabalho de Marlise Rosa³ se destaca por ser o primeiro a abordar, de maneira coesa, a complexidade manifesta no processo de migração dos indígenas Warao da Venezuela para o Brasil. Antes da publicação de sua tese de doutorado, agora convertida no livro o qual resenhamos, não eram encontrados trabalhos que abordssem o problema da migração Warao em sua totalidade. A grande maioria das pesquisas anteriores à obra de Rosa era construída no entorno de problemáticas específicas, relacionadas de forma subjacente à migração em si: a heterogeneidade do povo Warao, as intervenções no delta do Orinoco, os deslocamentos para centros urbanos venezuelanos, a prática do pedir, sua vulnerabilidade frente ao contexto brasileiro, etc.

Posto isso, a principal contribuição de Rosa é, justamente, sua proposta de unificação dessas temáticas, fundamentando-se em um profundo trabalho de campo com sofisticadas ferramentas de coleta e exame de dados, fazendo uma etnografia audaciosa tanto dos indígenas Warao, com os quais o seu forte *rapport* fica evidente, mas desenvolvendo também um forte trabalho de pesquisa entre os funcionários dos abrigos que estavam interagindo com os Warao cotidianamente. Para além da sua etnografia, o uso de métodos quantitativos, entrevistas em grupo, questionários e levantamento de dados a partir de documentos fundamentam a cada passo do caminho suas observações teóricas. Dessa forma, Rosa foi capaz de situar, dentro de um mesmo universo analítico, as distintas vertentes das pesquisas sobre os Warao nas últimas décadas, demonstrando assim a impossibilidade de abordar cada tema isoladamente dos demais. Em sua totalidade, a obra nos apresenta visões panorâmicas sobre os Warao e seu processo migratório, contrastadas com momentos de profunda minúcia etnográfica, detalhamentos e levantamentos de dados estatísticos — os quais estabelecem uma complementaridade fundamental ao amplo escopo do trabalho. Ainda sobre seu esforço etnográfico, destacamos (assim como João Pacheco de Oliveira, no prefácio do livro) a relação que Rosa estabeleceu com seus interlocutores, posicionando-se no campo de forma a auxiliá-los na busca por direitos e dignidade; aspecto especialmente relevante em função da dificuldade de realizar uma etnografia em diferentes locais e, muitas vezes, sob a observação de autoridades nos abrigos.

Partindo da percepção de que não é possível falar da presença Warao no Brasil sem antes revisar a literatura sobre os processos históricos que envolveram os Warao na Venezuela, Rosa organizou sua obra em dois grandes momentos, recortados pela fronteira entre Brasil e Venezuela, tendo cada um deles dois capítulos. A primeira metade é um “retorno” à Venezuela, organizado a partir de perguntas centrais sobre o povo Warao e as situações históricas de violência e abandono que permeiam o processo de saída de suas terras tradicionais e contribuiu para sua chegada ao Brasil. O segundo momento, por sua vez, trata dos aspectos que marcam o percurso dos Warao no Brasil, com interesse

³ Rosa é Doutora em Antropologia pelo Museu Nacional (UFRJ) e pesquisadora vinculada ao Laboratório de Pesquisas em Etnicidade, Cultura e Desenvolvimento (LACED).

particular nas políticas de abrigamentos e modos de gestão empregados pelo Estado brasileiro; atentando, assim, para os principais processos que marcam a chegada desses indígenas ao Brasil e os sujeitaram a uma “dupla subalternização” (p. 43), edificada tanto pelo fato de serem estrangeiros quanto por serem indígenas.

Estruturando-se em torno de uma antropologia histórica e uma perspectiva crítica, o primeiro capítulo é desenvolvido tendo como eixo a literatura antropológica sobre os Warao, a partir da qual Rosa organiza uma síntese inovadora dos trabalhos e fontes históricas disponíveis. Compõe-se, assim, uma nova leitura dos processos históricos e econômicos de situação de intervenção no delta do Orinoco, que levaram os Warao a modificarem diversos âmbitos de sua vida social. Enfatiza-se também a multiplicidade de ser Warao, tanto no que se refere às suas dinâmicas culturais específicas, quanto aos variados modos de agência a partir da qual os indígenas reconstruíram seus modos de vida e organizaram seus deslocamentos temporários para os centros urbanos venezuelanos.

A distinção entre o trabalho de Rosa e os anteriores é, justamente, a capacidade de síntese da autora, que consegue resumir em um único capítulo dados históricos e estatísticos que remontam décadas de pesquisas predecessoras, cujos resultados estavam separados em dezenas de trabalhos distintos. Além disso, o capítulo também oferece um importante apanhado sobre as dinâmicas políticas e culturais próprias dos Warao, estabelecendo, assim, os pilares para entendermos os desenvolvimentos posteriores — como, por exemplo, as modificações nas relações de gênero percebidas a partir do processo migratório.

Ainda no primeiro momento, o segundo capítulo da obra está estreitamente relacionado com o primeiro, sendo uma importante pesquisa histórica sobre o indigenismo na Venezuela. Essa parte, além de ser uma pesquisa por si só, ainda pode vir a ter uma relevante contribuição teórica para a antropologia brasileira que, apesar de profundamente crítica do indigenismo nacional, não possui o costume de desenvolver análises sobre outras realidades do continente. Os resultados desta investigação acompanham todo o decorrer do livro, constituindo um importante marco comparativo com as políticas de acolhimento direcionadas aos Warao no Brasil. A conclusão do capítulo, dada a partir da compreensão de que, no contexto venezuelano, a política indigenista nem sempre foi gerida pelo Estado, revela a impossibilidade de construção de uma análise coerente sobre o poder tutelar caso este seja reduzido apenas à administração governamental. É preciso, portanto, compreender a maneira pela qual as políticas indigenistas e a ação do Estado estão dispersas para além das redes governamentais — noção central para a análise posterior sobre as políticas de abrigamento no Brasil.

O segundo momento do livro inicia-se no terceiro capítulo, onde somos levados para o Brasil e suas instituições, dispositivos legais e atuação governamental no que se refere à migração Warao no Brasil. Com base na noção foucaultiana de governamentalidade, Rosa examina as tecnologias de governo implementadas pelo Estado para administrar o

fluxo da população Warao, expondo, assim, os principais modos pelos quais a dupla subalternização se desenvolve no contexto brasileiro; articulando-se com base na provisoriedade relegada ao migrante e em uma hierarquia de valores morais e culturais que atribuí aos indígenas diversos *status* estereotipados e preconceituosos. Dessa forma, a autora é capaz de estabelecer, com base em fontes documentais e etnográficas, um importante mapeamento das principais dificuldades que os Waraos vivenciam no Brasil, ao mesmo tempo em que examina as agências e instituições que se colocam como centrais na vida desses indígenas. Aqui a dificuldade imposta pela burocracia brasileira e o característico descaso do Estado compõem um quadro importante que a própria pesquisadora mobiliza na sua atuação política, reivindicando o acesso a direitos e auxiliando os seus interlocutores no desbravamento desses complicados caminhos para a regularização documental.

Finalmente, ao analisar as dinâmicas de abrigamentos às quais os Warao são submetidos, o quarto capítulo traz a contribuição mais original e etnográfica da obra, captando de forma crítica a problemática atuação — e também as concepções fundantes — das políticas de abrigamento. É aqui que temos uma das principais contribuições da obra: a apreensão de que o cotidiano, no espaço social dos abrigos, e a relação que os Warao estabelecem com os funcionários, podem ser analisados através de uma tríade de elementos de controle-colaboração-subversão. Afastando-se assim de oposições maniqueístas da realidade, Rosa percebe que, apesar do controle sempre existir por parte dos diferentes profissionais que administram os abrigos, os Warao assumem condutas e estratégias distintas, de modo a garantir seus interesses e visões de mundo, podendo tanto colaborar com o controle dos funcionários quanto subverter as regras do abrigo, questionando o que consideram ser impróprio, realizando denúncias e se desligando por conta própria do serviço institucional.

Além de examinar as maneiras pelas quais são estabelecidas as relações entre Waraos e funcionários dos abrigos, Rosa retoma suas preocupações sobre a diversidade de ser Warao, apontando para o fato de que uma grande parte das disputas e conflitos vivenciados no cotidiano do abrigamento são fruto da convivência de famílias de diferentes regiões do delta, as quais possuem características e hábitos relativamente distintos, “o que implica a ocorrência de muitos conflitos, agressões, acusações de feitiçaria e, conseqüentemente, novos deslocamentos.” (p. 286). A presença do *daño*, *brujos*, *wisidatu* e outras figuras importantes na estrutura dos conflitos Warao são exploradas, portanto, no contexto de abrigamento.

Retomando os dados discutidos na primeira seção da obra e, enfatizando o conflituoso campo de convivência nos abrigos, a autora é capaz de perceber as transformações nas dinâmicas de mobilidade Warao que, a partir de 2019, começam a assumir características distintas das anteriormente percebidas na Venezuela. Tais reconfigurações nas dinâmicas de mobilidade são percebidas pela autora como uma resposta ao fechamento do cerco institucional feito pelo Estado, sendo, portanto, uma estratégia de resistência organizada com intuito de fugir do controle

que as instituições tentam exercer sobre essa população. Sendo assim, Rosa apresenta ao leitor o entendimento de que as dinâmicas de mobilidade Warao no Brasil (vistas sempre, por parte das instituições, como um problema) não podem ser atribuídas a nenhum tipo de característica cultural do grupo, mas devem ser entendidas como o resultado das falhas na política de abrigamentos e da agência dos indígenas; sendo, portanto, impensável compreender a mobilidade sem atentar para as relações que os Warao desenvolvem com as instituições brasileiras.

Uma particularidade interessante dessa obra, é o fato de que a pesquisa etnográfica coincidiu, em parte, com o conturbado período inicial da pandemia de Covid-19 no Brasil. Estas situações, que atravessam à obra de maneira sutil, adicionam um outro nível de análise e complexidade à etnografia como um todo, deslocando algumas questões de artesanato, saúde e estratégias políticas, tanto dos Warao, quanto dos governos. Assim, um leitor interessado em discutir relações entre governabilidade e crises sanitárias ou uma perspectiva diferente sobre povos indígenas e sua reação com a Covid-19 encontraria, ademais, importantes observações teóricas e dados empíricos interessantes para a reflexão.

Gostaríamos de fechar a resenha desta etnografia acentuando o eficiente uso e contribuições ao conceito de Mobilidade Migratória, que certamente ficará marcado positivamente por este trabalho. A fuga das metáforas tradicionais do estudo da migração, que envolve sempre noções hídras (fluxo, correntes, etc) foi fundamental aqui para pensar os deslocamentos Warao para além de uma simples noção de saída e chegada, afinal, neste caso seu percurso é parado e retomado, modificando destinos e partidas com frequência. O enfoque na mobilidade traz atenção para as condições empíricas do deslocamento Warao, que vai além da simples agência e vontade dos indígenas, já que, como Marlise Rosa salienta, as políticas de abrigamento são fundamentais para explicar estas dinâmicas. O potente arcabouço teórico desenvolvido pela pesquisadora, tendo seu uso do conceito mobilidade migratória particular importância, além da louvável exposição de uma riqueza de dados empíricos, já constitui um novo paradigma no estudo etnológico dos Warao e também da antropologia da migração no Brasil, sendo influente, inclusive, para além da antropologia, tendo ecos em trabalhos acadêmicos do direito e, principalmente, impactando políticas públicas e atendimento aos indígenas Warao no Brasil.

Recebido em: 30/11/2021 * Aprovado em: 01/12/2021 * Publicado em: 30/04/2022
